

ME MOVO COMO EDUCADOR PORQUE, PRIMEIRO, ME MOVO COMO GENTE

FABRIZIA BORGES DUARTE¹; ALINE ARNDT WINTER²; CLARISSA CORREA HENNING³

¹ Graduada em Ciências Sociais, UFPEL, especialista em História da Educação, UFPEL, estudante em Pós-graduação em Didática e Metodologia do Ensino Superior, Anhanguera

fabrizia.bd@hotmail.com

² Graduada em Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, Anhanguera, estudante em Pós-graduação em Didática e Metodologia do Ensino Superior, Anhanguera alineawinter@yahoo.com.br

³ Orientadora, Graduada em Jornalismo, UCPEL, Mestre em Comunicação e Cultura, UFRJ, Doutora em Ciências da Comunicação, Unisinos, Prof. de Pós-graduação em Didática e Metodologia do Ensino Superior, Anhanguera – clarissa.henning@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A educação, como campo aberto para estudo, nos traz questões amplas bem como objetivas e definidas a serem estudadas. Uma destas é a formação continuada do professor, seja ele de séries iniciais à docência superior, o embate sobre a postura profissional é foco em muitas pesquisas, análises e artigos, logo se torna relevante e enriquecedor o estudo sobre o caso.

O tema: *Formação Continuada na Docência Superior* ocupa centros de discussões desde que o Ministério de Educação em 2000, remeteu ao Conselho Nacional de Educação a proposta de Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica em cursos de nível superior. Formulada por Grupo de Trabalho designado para este fim, composto por representantes das Secretarias de Educação Fundamental, Educação Média e Tecnológica e Educação Superior, essa porta aberta fez com que os professores de educação básica e nível médio tivessem a oportunidade de se qualificar e fortalecer a capacidade acadêmica e profissional.

Aqui propomos e nos referimos, ao crescimento instantâneo de formandos em licenciaturas, cursos técnicos federais e cursos de bacharelado. O presente trabalho, bem como pesquisas recentes, mostra a criação de um cenário de massificação em que os profissionais ao se formarem e entrarem em contato com a docência demonstram inexperiência quanto aos critérios pedagógicos básicos e à aplicação da didática da Educação em sala de aula.

Como solução, muitos buscam qualificação em cursos de pós-graduação a fim de suprir, se não ao todo, uma parte; da falta de conhecimento da gerência do campo escolar, da forma adequada para gerir métodos e na postura em sala de aula. Raramente, são levadas em conta outras dimensões que acarretam o dia-a-dia no exercício da profissão, também, as discussões sobre as temáticas relacionadas mais propriamente ao sistema educacional e à atuação da categoria profissional, ficam ausentes.

Esse problema é ainda agravado, pelas frágeis relações interinstitucionais entre escola de formação, associações profissionais e sindicatos, que conjuntamente poderiam possibilitar tais vivências e ampliá-las para além da instituição de formação. Além disso, ainda é possível observar uma relação de disfunção da profissão com as políticas públicas voltadas para a Educação, governança política que não estimula a categoria profissional e a constante qualificação e acaba por criar leis que contemplam na maioria das vezes a Educação como um todo, sem avaliar os dois campos: Instituição Educadora e Profissional Educador.

O objetivo deste estudo é o de delimitar a linha tênue entre a graduação e a sequência do trabalho pedagógico propriamente executado em sala de aula, a partir da vivência de formandos dos cursos de licenciatura, curso técnico federal e bacharéis, utilizando-se da metodologia em pesquisa qualitativa e resultados obtidos do recurso de entrevistas.

2. METODOLOGIA

A análise destes questionamentos deu-se em sala de aula durante discussões e estudos acerca do assunto, questionamentos sugeridos pelos próprios alunos do curso de Pós-Graduação em Didática e Metodologia da Educação. Esses sendo em sua maioria profissionais da Educação, sugeriram tais reflexões no decorrer da disciplina de Didática do Ensino, ministrada pela professora MSc. Clarissa Correa Henning e em seminários de debates sobre o tema: A Docência Superior.

Para tanto, foram lidos vários artigos de autores na área da educação que, estão realizando estudos, análises e debates sobre o tema com a finalidade de problematizar e trazer à tona as dificuldades vivenciadas pelo professor acadêmico recém-formado na linha de frente na sala de aula. Dessa vivência, surgiu o interesse de estudar o tema e para complementar este trabalho será realizada uma pesquisa qualitativa com alunos de licenciatura, cursos técnicos federais e bacharéis. Através de seus relatórios de conclusão de estágio e ou conclusão de curso, que por si só, já definirá a amplitude das dificuldades encontradas ao se aplicar o conhecimento apreendido com questionamentos não respondidos e a falta de experiência didática e metodológica do formando ao sair da Universidade para o mercado de trabalho.

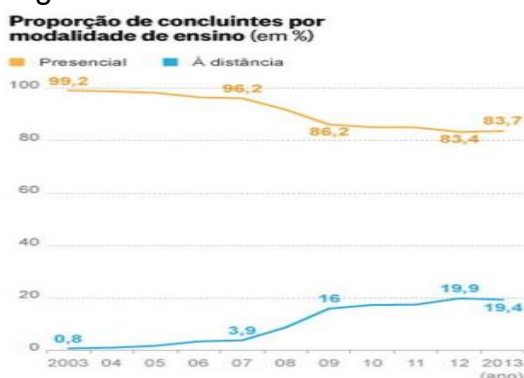
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Identidade do professor pesquisada em vários Países revela que: “(...) O professor universitário aprende a sê-lo mediante um processo de sociabilização em parte intuitiva, autodidata ou (...) seguindo a rotina dos outros”. (Benedito, 1995:131). A profissão de professor universitário emerge em dado momento e contexto histórico (vide figuras 1 e 2), tomando contornos conforme a necessidade posta pela sociedade e se constrói a partir de signos sociais a ela atribuídos. As figuras abaixo sugerem algumas interpretações acerca: refletem um período de evolução na taxa de inscritos em cursos de nível superior no Brasil entre 2003 a 2013: mostrando ainda que esta evolução se deu por questões de políticas públicas e sociais implementadas pelos governos, com a visível necessidade de fortalecer a política de governo, atender a parâmetros de educação mundial e por fim de realizar um acesso à educação superior, para todos os que dela necessitem.

Figura 1



Figura 2



Percebe-se a inserção, num primeiro momento, pelo governo FHC com a formação continuada de professores do ensino médio e técnico e dada continuidade com os governos Lula e Dilma através de incentivos para acesso à educação superior como o programa do FIES, para tanto temos muitos jovens formados para a docência e muita oferta e procura para trabalhar em universidades técnicas e privadas. A problematização que fica é o confronto de realidade entre o percentual de exigência mínima de docentes formados pelas Universidades em conclusão de graduação, especialização, mestrado e doutorado versus o profissional formado e habilitado para o saber.

A autora Selma G.Pimenta nos mostra no artigo Docência na Universidade Ensino e Pesquisa (excertos do livro PIMENTA, S.G. & ANASTASIOU, L.G.C. *Docência no Ensino Superior*. São Paulo. Cortez Ed.2005-2º. ed.) que, a figura do docente acompanha a construção histórica, econômica e social ao meio no qual se insere, observando deste a simbologia necessária para aplicar na sala de aula. Refere-se também a atual legislação que por massificar os cursos de nível superior, não opta pela qualificação do formando, fazendo com que este se defronte com várias situações em sala de aula que comprovarão a sua inabilidade para lidar com o processo de enfrentamento, conhecimento contínuo e profissional que lhe será exigido ao adentrar na sala de aula.

Veja notícia no Jornal O Globo referente a esta temática:

SÃO PAULO - Resultados preliminares de um estudo divulgado nesta quinta-feira apontam que há uma grande distância entre a formação dos professores brasileiros e a realidade vivida dentro das salas de aula. Comandado pelo professor e pesquisador em administração pública e governo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Fernando Abrucio, a pesquisa diz que é preciso melhorar três pontos, chamado tripé de formação dos professores: relação entre as universidades, às redes de ensino e as escolas e a profissionalização da docência. O estudo analisou 72 textos de revisão bibliográfica da área, entre artigos, capítulos, livros, dissertações e teses, primordialmente estudos sobre a realidade nacional.

— Nós temos que ver mais claramente que professor é uma atividade profissional e para isso existem técnicas e instrumentos. Esse debate ocorre em todo mundo e no Brasil ainda caminha lentamente. É preciso fortalecer as disciplinas vinculadas à didática e metodologia, é preciso que essas disciplinas se fortaleçam também nos diversos campos de saber e é preciso fazer com que essas metodologias dialoguem com a realidade. Não faz sentido a discussão entre separação de teoria e prática, que muitas vezes aparece na bibliografia. O que corre é que as teorias hoje sobre atuação dos professores no Brasil pouco dialogam com a atuação empírica dos próprios professores — explicou Abrucio, em videoconferência no lançamento do relatório do movimento Todos Pela Educação (TPE).

O estudo faz parte do relatório “De Olho nas Metas 2013-2014” divulgado hoje. [Conforme divulgado pelo GLOBO, os dados mostram que o Brasil não atingiu quatro das cinco metas de educação.](#)

— É preciso olhar para o percurso todo da educação e propor para cada etapa uma política pública específica — afirmou Alejandra Meraz Velasco, coordenadora-geral do TPE.

Abrucio aponta ainda que a pequena produção sobre a metodologia de ensino representa o lugar secundário que a área da didática tem nas grades curriculares dos cursos de pedagogia e nas licenciaturas. “Como afirmado nas entrevistas, tanto em termos de ensino como de investigação, a reflexão dos estudiosos sobre educação no Brasil, especialmente na pedagogia, **‘concentra-se mais no o quê ensinar do que no como ensinar’**, ressalta um trecho da pesquisa”.

4. CONCLUSÕES

É necessário que o profissional Professor possa exercer a docência como um processo de constante transformação e descoberta de si como ser cidadão, como profissional, como tutor de gerações, o mesmo, só atingirá este objetivo a partir do momento em que puder aliar a teoria com a prática. Ter acesso aos saberes pedagógicos, já nos seus primeiros anos de faculdade e dos saberes científicos na continuidade da formação. Para tanto, estamos propondo a discussão deste tema para mais além da sala de aula, queremos criar referências através de pesquisas direcionadas ao tema “Docência Superior”; e com isso contribuir quanto pesquisadoras para o avanço social, científico e político de toda uma classe.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORSETTI, Berenice. **A Construção do Cidadão: Os conteúdos escolares nas escolas públicas do Rio Grande do Sul na Primeira República**. História da Educação, ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas (8): 175 -192, Set.00.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**, - 8.ed.-São Paulo: Ática, 2005.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**, São Paulo: Ed. Cortez de Moraes, 1978.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAVIANI, Demerval. E. **Novo Milênio, Novo Perfil?**- 1Ed.- São Paulo: Paulus, 2000.

História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 18, p. 71-81, set. 2005.

_____. O Tradicional e o Moderno quanto à Didática no Ensino Superior. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.4, n.3, Pub.5, Julho 2011.

_____. A Didática como mediação na construção da identidade do professor uma experiência de ensino e pesquisa na Licenciatura. In OLIVEIRA, M. R. & Andre, M. (Org.). **Alternativas ao ensino de didática**. Campinas: Papirus, 1997.

_____. **Educação, Pedagogia e Didática**. In PIMENTA, Selma. (Org.). Pedagogia, ciência da educação? São Paulo: Cortez, 1996(a).